

## REFERENCES

1. Revés J, Silva BM, Durão J, Ribeiro NV, Lemos S, Escada P. Predatory publishing: an industry threatening science. *Acta Med Port.* 2018;31:141-3.
2. Clark J. Letter to the editor - predatory journals: bad for all but especially authors from low and middle income countries. *Acta Med Port.* 2018;31:181-5.
3. Beall J. Beall's list of predatory journals and publishers. [accessed 2018 Apr 2]. Available from: <https://beallist.weebly.com/>.
4. Anderson R. Cabell's new predatory journal blacklist: a review. [accessed 2018 Apr 2]. Available from: <https://scholarlykitchen.sspnet.org/2017/07/25/cabells-new-predatory-journal-blacklist-review/>.
5. Cabell Scholarly Analytics' Black List. [accessed 2018 Apr 2]. Available from: <https://www2.cabells.com/about-blacklist>.
6. Mazières D, Kohler E. Get me off your fucking mailing list. [accessed 2018 Apr 2]. Available from: <http://www.scs.stanford.edu/~dm/home/papers/remove.pdf>.
7. Stribling J, Krohn M, Aguayo D. SCigen - An automatic CS paper generator. [accessed 2018 Apr 2]. Available from: <https://pdos.csail.mit.edu/archive/scigen/>.

João GAMA MARQUES<sup>1,2</sup>

1. Hospital Júlio de Matos, Centro Hospitalar Psiquiátrico de Lisboa, Lisboa, Portugal.

2. Clínica Universitária de Psiquiatria e Psicologia Médica, Faculdade de Medicina, Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal.

Autor correspondente: João Gama Marques, [joagomamarques@gmail.com](mailto:joagomamarques@gmail.com)

Recebido: 02 de abril de 2018 - Aceite: 03 de abril de 2018 | Copyright © Ordem dos Médicos 2018

<https://doi.org/10.20344/amp.10599>



## Carta Ao Editor: Imunodeficiências Primárias em Idade Adulta – Colaboração Multicêntrica para Caracterizar a Realidade Nacional

### Letter to the Editor: Primary Immunodeficiencies in Adults – Multicentric Cooperation to Characterize the Portuguese Reality

**Palavras-chave:** Adulto; Portugal; Síndromes de Imunodeficiência  
**Keywords:** Adults; Immunologic Deficiency Syndromes; Portugal

As imunodeficiências primárias (IDP) são doenças crônicas raras que resultam de defeitos congénitos do sistema imunitário.<sup>1</sup> Apesar da escassez de dados conhecidos relativamente à epidemiologia das IDP em Portugal, é notório o aumento do número de casos em adultos, provavelmente associado à maior divulgação destas doenças entre a comunidade médica, à facilitação do acesso a métodos de diagnóstico e à transição de doentes da Pediatria.

O Grupo de Interesse de IDP da Sociedade Portuguesa de Alergologia e Imunologia Clínica (SPAIC) efetuou, em setembro de 2015, um levantamento dos adultos com IDP em seguimento em serviços de Imunoalergologia, com o objetivo de conhecer a realidade nacional. Identificaram-se 314 doentes (51% sexo masculino), com idade média de 41 ± 16 anos (mínima 18, máxima 93), em seguimento em consulta de IDP desde os 34 ± 17 anos.

Os défices predominantemente de anticorpos foram, como esperado, os mais frequentes (92%; n = 289), em particular o défice seletivo de IgA (n = 116) e a imunodeficiência comum variável (IDCV) (n = 112), sendo esta última a IDP sintomática mais frequente, com pico de incidência

em idade adulta.<sup>2,3</sup> A quase totalidade dos doentes com IDCV (92%; n = 104) encontrava-se sob terapêutica substitutiva com IgG, dos quais 70,2% por via endovenosa e os restantes por via subcutânea.

Foram identificados casos muito mais raros de doença granulomatosa crónica (n = 6), imunodeficiências combinadas (n = 8, incluindo três casos de síndrome de hiper-IgE), doenças por imunodesregulação (n = 3, todos síndrome linfoproliferativa autoimune), defeitos do complemento (n = 3) ou da imunidade inata (n = 4). Encontrou-se uma diminuta proporção de doentes com diagnóstico genético molecular (6,7%).

A maioria das IDP cursam com suscetibilidade aumentada a infeções, no entanto um número crescente de entidades tem sido associado a manifestações de imunodesregulação, nomeadamente autoimunidade/autoinflamação e proliferação linfóide.<sup>4</sup> Para controlo destas complicações, 7,6% dos doentes estavam sob terapêutica imunossupressora. Um pequeno grupo de doentes (3,2%) encontrava-se sob profilaxia infecciosa.

Os dados aqui apresentados são os primeiros publicados respeitantes à população de adultos com IDP no nosso país. O reduzido número de IDP não predominantemente humorais incluídas, mas também a baixa frequência relativa de doentes com défice seletivo de IgA, indiciam um elevado subdiagnóstico ou não notificação das IDP. A divulgação destes resultados poderá contribuir para aumentar a identificação/referenciação de doentes com IDP. Este trabalho evidencia ainda a experiência acumulada pelos serviços de Imunoalergologia no seguimento de adultos com IDP e a vantagem do acompanhamento destes doentes em centros especializados.

## REFERÊNCIAS

1. Picard C, Bobby Gaspar H, Al-Herz W, Bousfiha A, Casanova JL, Chatila T, et al. International Union of Immunological Societies: 2017 Primary Immunodeficiency Diseases Committee Report on Inborn Errors of Immunity. *J Clin Immunol.* 2018;38:96-128.
2. Mahlaoui N, Gathmann B. The European Society for Immunodeficiencies (ESID) Registry : recent advancements in the epidemiology of primary immunodeficiencies and how does that translate in clinical care. *Rare Dis Orphan Drugs An Int J Public Heal.* 2014;1:25-7.
3. Bonilla FA, Barlan I, Chapel H, Costa-Carvalho BT, Cunningham-Rundles C, de la Morena MT et al. International Consensus Document (ICON): Common Variable Immunodeficiency Disorders. *J Allergy Clin Immunol Pr.* 2016;4:38-59.
4. Fischer A, Provot J, Jais JP, Alcais A, Mahlaoui N. Autoimmune and inflammatory manifestations occur frequently in patients with primary immunodeficiencies. *J Allergy Clin Immunol.* 2017;140:1388-93.e8.

Ruben DUARTE FERREIRA<sup>1</sup>, Sara SILVA<sup>1</sup>, Isabel CARRAPATOSO<sup>2</sup>, Frederico REGATEIRO<sup>2</sup>, Natacha SANTOS<sup>3</sup>, Diana SILVA<sup>3</sup>, Filipa SOUSA<sup>4</sup>, Susana OLIVEIRA<sup>4</sup>, Miguel PAIVA<sup>5</sup>, José TORRES DA COSTA<sup>3</sup>, Rita CÂMARA<sup>4</sup>, Emília FARIA<sup>2</sup>, Susana LOPES DA SILVA✉<sup>1</sup>, Grupo de Interesse de Imunodeficiências Primárias da Sociedade Portuguesa de Alergologia e Imunologia Clínica

1. Centro de Imunodeficiências Primárias. Serviço de Imunoalergologia. Centro Hospitalar de Lisboa Norte. Centro Académico de Medicina de Lisboa. Lisboa. Portugal.
2. Serviço de Imunoalergologia. Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra. Coimbra. Portugal.
3. Serviço de Imunoalergologia. Hospital de São João. Centro Hospitalar de São João. Porto. Portugal.
4. Unidade de Imunoalergologia. Hospital Dr. Nélio Mendonça. SESARAM. Funchal. Portugal.
5. Serviço de Imunoalergologia. Hospital Dona Estefânia. Centro Hospitalar de Lisboa Central. Lisboa. Portugal.

Autor correspondente: Susana Lopes da Silva. susanasilva@medicina.ulisboa.pt

Recebido: 30 de março de 2018 - Aceite: 03 de abril de 2018 | Copyright © Ordem dos Médicos 2018

<https://doi.org/10.20344/amp.10572>



## Carta ao Editor a Propósito do Artigo "Predatory Publishing: An Industry that is Threatening"

### Letter to the Editor About the Article "Predatory Publishing: An Industry that is Threatening"

**Palavras-chave:** Publicação; Publicação em Acesso Livre

**Keywords:** Open Access Publishing; Publishing

Exmo. Senhor Editor Chefe,

Acabo de ler o artigo "Predatory Publishing: An Industry that is Threatening" na Acta Médica Portuguesa (AMP).<sup>1</sup>

Agradeço a publicação, até porque semanalmente - senão mesmo diariamente - recebo correio eletrónico a convidar-me quer para ser editor, quer para publicar rapidamente, quer para submeter um artigo ou enviar material para um número especial.

E se tenho a sorte de ter quem me aconselhe sobre tais correios, tenho também a noção de que muitos colegas nossos, a necessitar de publicar com celeridade, optam por essa via. Esta situação cria-me, quando tenho de ler uma tese ou de rever um artigo, dúvidas quanto à classificação de tal trabalho, pois não sei se as publicações citadas serão todas igualmente credíveis.

Por experiência própria sei também que o tempo de espera para publicar em revistas tradicionais é longo, por

vezes quase um ano. Ainda recentemente tal situação me aconteceu com um artigo publicado em revista sem fator de impacto, mas ainda assim indexada na SciELO.<sup>2</sup>

Tenho conhecimento de que em outros contextos populacionais e científicos o assunto 'predatory publishing' já é pensado.<sup>3-5</sup> Mas qual o seu impacto na criação de factos científicos?

Sei que o processo editorial tem as suas necessidades. Sei que o tempo é precioso. Sei da necessidade de publicar. Sei da pressão da bibliometria. Sei até da dificuldade que é ser revisor. E sabendo de tudo isto, fica-me por esclarecer por que razão levam os trabalhos tanto tempo a ser aceites e depois publicados? Falta de incentivos à revisão? Falta de visão estratégica da importância de ser revisor? Problemas com os custos de manutenção da estrutura para a publicação? Necessidade de aumentar o número de revistas por ano?

Uma vez mais agradecendo aos autores e à AMP, venho lançar o desafio de que, na defesa da Medicina, esta revista científica crie um instrumento que permita aos médicos saber onde submeter - poupando-lhes elevados custos financeiros e outros. Esta ferramenta permitiria ao mesmo tempo, aos leitores, saber o que estão a ler, e aos nossos alunos e internos de especialidade, por onde estão a obter a sua formação. É que a AMP é especial, por ser a revista científica da Ordem dos Médicos de Portugal.

## REFERÊNCIAS

1. Revés J, Silva BM, Durão J, Ribeiro NV, Lemos S, Escada P. Predatory publishing: an industry threatening science, Acta Med Port. 2018;31:141-3.
2. Rosendo I, Santos T, Martins D, Pimenta G, Neto MG, Francisco MP, et al. A citação da Revista Portuguesa de Clínica Geral na Revista Portuguesa de Clínica Geral. Rev Port Clin Geral. 2008;24:457-61.
3. Beall J. Dangerous predatory publishers threaten medical research. J Korean Med Sci. 2016;31:1511-3.
4. Bartholomew RE. Science for sale: the rise of predatory journals. J R Soc Med. 2014;107:384-5.
5. Powell K. Does it take too long to publish research? Nature. 2016. [consultado 2018 mar 14]. Disponível em <https://www.nature.com/news/does-it-take-too-long-to-publish-research-1.19320>.

Luiz Miguel SANTIAGO✉<sup>1</sup>

1. Faculdade de Medicina. Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra. Coimbra. Portugal.

Autor correspondente: Luiz Miguel Santiago. luizmiguel.santiago@gmail.com

Recebido: 04 de abril de 2018 - Aceite: 04 de abril de 2018 | Copyright © Ordem dos Médicos 2018

<https://doi.org/10.20344/amp.10615>

